



TECITURAS NA PESQUISA EM FORMAÇÃO DOCENTE: O MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO E OS PRESSUPOSTOS ÉTICOS

Gabriela Klering Dias ¹

Carolina Lacerda Macalos ²

João Manoel Nascimento dos Santos ³

RESUMO

O artigo explora a relação entre o Método (Auto)biográfico e os pressupostos éticos na pesquisa, especialmente no contexto da formação de professores. Utilizando entrevistas narrativas como principal dispositivo, o estudo busca entender como a ética permeia a condução de pesquisas autobiográficas e como as narrativas de vida contribuem para a compreensão dos processos de formação docente. A metodologia envolveu uma análise teórica e documental que articulou as narrativas autobiográficas com as normas éticas de pesquisa. Os resultados demonstram que a ética é um fundamento central para a pesquisa, indo além de uma exigência técnica ou formal. Ela se manifesta em todas as etapas, desde a concepção do trabalho até a devolução dos resultados aos participantes. O estudo ressalta a importância de uma escuta sensível, do acolhimento dos relatos e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) como uma ferramenta fundamental para garantir a autonomia e o respeito aos participantes. A pesquisa autobiográfica, ao valorizar a singularidade de cada indivíduo, reforça a coautoria do participante e a necessidade de o pesquisador atuar com responsabilidade, empatia e compromisso com a dignidade humana. O artigo conclui que essa abordagem é uma força potente para o aprimoramento da educação e para a promoção de um conhecimento humanizador.

Palavras-chave: Método (Auto)biográfico, Ética, Entrevistas narrativas (auto)biográficas, Formação docente.

ABSTRACT

The article explores the relationship between the (Auto)biographical Method and ethical assumptions in research, especially in the context of teacher education. Using narrative interviews as the main device, the study aims to understand how ethics permeates the conduct of autobiographical research and how life narratives contribute to understanding teacher training processes. The methodology involved a theoretical and documentary analysis that articulated autobiographical narratives with ethical research standards. The results show that ethics is a central foundation for research, going beyond a technical or formal requirement. It is evident in all stages, from the conception of the work to the return of the results to the participants. The study highlights the importance of sensitive listening, welcoming narratives, and the Informed Consent Form (ICF) as a fundamental tool to guarantee participants' autonomy and respect. Autobiographical research, by valuing the uniqueness of each individual, reinforces the participant's co-

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, gabikdiasgeo@gmail.com;

² Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS carolmacalos@gmail.com;

³ Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, joao_2798@hotmail.com.



authorship and the need for the researcher to act with responsibility, empathy, and a commitment to human dignity. The article concludes that this approach is a powerful force for improving education and promoting humanizing knowledge.

Keywords: (Auto)biographical Method, Ethics, (Auto)biographical narrative interviews, Teacher education.

INTRODUÇÃO

Métodos que privilegiam a singularidade dos sujeitos e a riqueza de suas experiências têm se destacado nas pesquisas, sobretudo as relacionadas à formação de professores. Nesse contexto, o Método (Auto)biográfico – que se utiliza do dispositivo das narrativas de vida – surge como uma ferramenta poderosa para compreender o processo de formação docente e a construção identitária docente.

A centralidade deste método está em possibilitar a compreensão das trajetórias formativas por meio de dispositivos, como as entrevistas narrativas (auto)biográficas, que expressam e refletem experiências de vida e de formação. Nesse processo, constrói-se uma narratividade que articula passado, presente e futuro, ao mesmo tempo em que resgata e ressignifica acontecimentos ao longo da história de vida, projetando também horizontes e possibilidades futuras. Trata-se de uma tessitura em constante movimento, na qual a identidade docente vai ganhando contornos a partir das relações do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o meio em que está inserido. (Pineau, 2010; Passeggi; Abrahão; Delory-Momberger, 2012; Menezes, 2011).

O Método (Auto)biográfico permite que o professor se reconheça como sujeito histórico, social e cultural de sua própria trajetória/formação. Ao narrar e refletir sobre suas experiências de vida e de prática, o docente não apenas reconstrói a memória, mas também ressignifica os acontecimentos, estabelecendo vínculos entre o vivido e o projetado.

Esse movimento possibilita identificar valores, saberes e aprendizagens que constituem sua prática pedagógica, além de revelar como as relações e os espaços que experienciou se relacionam com a constituição da sua identidade profissional. Assim, a escrita e a reflexão autobiográfica tornam-se espaços de análise crítica e de produção de sentido, favorecendo tanto o autoconhecimento quanto a compreensão coletiva da docência como prática em constante transformação.

Nesta perspectiva, a pesquisa biográfica convida à reflexão ética ao propor lidar diretamente com histórias de vida, memórias e experiências pessoais que demandam cuidado, sensibilidade e responsabilidade por parte do pesquisador. Ao adotar seus dispositivos



metodológicos, torna-se imprescindível reconhecer que a construção narrativa está entrelaçada a dimensões identitárias e subjetivas dos participantes, o que exige garantir-lhes respeito, acolhimento e proteção. Nesse sentido, os pressupostos éticos orientam a pesquisa no sentido de assegurar a integralidade dos sujeitos, preservando o sigilo das informações compartilhadas e promovendo relações baseadas na confiança e na corresponsabilidade. Assim, a ética não se apresenta como um aspecto acessório, mas como fundamento que sustenta a legitimidade e a densidade do processo investigativo.

Os pressupostos éticos, nesse contexto, dizem respeito a princípios que orientam a postura do pesquisador diante da singularidade das narrativas de vida, reconhecendo nelas não apenas fontes de dados, mas expressões de subjetividades e trajetórias humanas. Eles envolvem o compromisso de assegurar a dignidade, o respeito e a proteção dos participantes, bem como de valorizar suas vozes como protagonistas do processo investigativo.

Na pesquisa (auto)biográfica, esses pressupostos assumem papel central ao criar condições para que a escuta seja sensível, o diálogo seja acolhedor e a interpretação das narrativas preserve a autenticidade das experiências compartilhadas. Dessa forma, a ética não se limita a uma exigência normativa, mas se torna prática viva que qualifica a produção de conhecimento, fortalecendo a legitimidade do método e contribuindo para a construção de um espaço de confiança e corresponsabilidade entre pesquisador e participantes.

Assim, o presente texto tem como objetivo compreender a relação entre o Método (Auto)biográfico e o dispositivo das entrevistas narrativas, com os pressupostos éticos da pesquisa, bem como refletir a potencialidade do Método e das narrativas na compreensão do processo formativo docente. Como os pressupostos éticos se tecem na condução de estudos (auto)biográficos, considerando o dispositivo das entrevistas narrativas (auto)biográficas? Além disso, como as narrativas de vida contribuem para a compreensão dos processos de formação de professores?

METODOLOGIA

A pesquisa (auto)biográfica busca compreender o processo formativo docente na reflexão das experiências da/na trajetória de vida dos professores, considerando os diferentes elementos que os (auto)formam, por meio de diferentes dispositivos, como as entrevistas narrativas (auto)biográficas. Dessa forma, os participantes rememoram, refletem e contam sobre suas histórias de vida, sobre relações e espaços, e o que fizeram com todas essas experiências em seu íntimo.



Assim, o Método (Auto)biográfico possibilita lidar com a sensibilidade dos dados narrados, evitando a redução dos participantes a meros “sujeitos da pesquisa” e valorizando sua condição de coautor das colocações apresentadas (Passeggi, 2023). Esse cuidado ético torna-se indispensável para que o pesquisador possa transitar entre a empatia e o rigor analítico, capturando as múltiplas dimensões que envolvem a formação docente.

O caminho metodológico adotado buscou analisar, à luz do referencial teórico, as possíveis articulações entre o uso das narrativas (auto)biográficas e os pressupostos éticos que permeiam cada etapa da pesquisa com o dispositivo. Nesse sentido, a proposta das entrevistas narrativas foi concebida como um processo complexo, que envolve desde a escolha do dispositivo e a elaboração do roteiro, até o contato inicial com o participante, a condução da entrevista, a transcrição e a análise das narrativas.

Em todas essas etapas, os participantes são reconhecidos como agentes ativos, cujas histórias não se reduzem a registros de acontecimentos, mas expressam sentidos de mundo e trajetórias de formação construídos ao longo de suas vidas, em diálogo constante com a reflexão ética e formativa, como destaca Passeggi (2023) ao tratar da coautoria na pesquisa autobiográfica.

A seleção dos participantes, nesse contexto, valoriza a relevância de suas trajetórias e experiências formativas, respeitando sua singularidade e assegurando plena consciência dos objetivos da pesquisa. Durante a condução das entrevistas, é essencial que o pesquisador mantenha uma postura de escuta empática, acolhedora e sensível, criando um ambiente de confiança que incentive a livre expressão das memórias narradas.

A posterior transcrição preserva a riqueza da oralidade, respeitando a singularidade de cada voz, enquanto organiza o material para análise, conforme enfatiza Nóvoa (1992). A análise, por sua vez, é desenvolvida como um processo hermenêutico, em que o pesquisador busca compreender os sentidos atribuídos pelos participantes às suas experiências, articulando-os a referenciais teóricos e contextuais, em um diálogo constante entre memória, experiência e teoria, como proposto por Ricoeur (1992).

Sempre que possível, a entrevista transcrita é devolvida aos participantes, permitindo que se reconheçam no material produzido, complementem ou ressignifiquem os sentidos construídos. Esse cuidado fortalece a coautoria e legitima o método (auto)biográfico, consolidando a produção de conhecimento que respeita a integralidade e a singularidade dos sujeitos da pesquisa (Passeggi, 2023).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) cumpre papel central ao garantir a autonomia dos sujeitos e formalizar os limites éticos da investigação, alinhando-se



aos princípios apontados das normativas brasileiras de pesquisa com seres humanos (BRASIL, 2012).

A análise referente a elaboração do documento se torna um caminho fundamental, na articulação da pesquisa com a ética. O TCLE na condução de pesquisas com seres humanos, especialmente em estudos (auto)biográficos, garante que os participantes compreendam plenamente a investigação e possam decidir sobre sua participação de forma voluntária e consciente. Esse documento apresenta de maneira clara os objetivos da pesquisa, a descrição detalhada das atividades a serem realizadas, a duração e os procedimentos envolvidos, além de esclarecer os possíveis riscos e benefícios da participação.

É fundamental que o TCLE explicita a garantia de sigilo e confidencialidade das informações, assegure a liberdade do participante para desistir a qualquer momento sem prejuízos, e forneça meios de contato com o pesquisador para esclarecimento de dúvidas. Em pesquisas autobiográficas, o TCLE também deve contemplar a autorização para registro e uso de narrativas, assegurando que os relatos não serão manipulados fora do contexto do estudo, e explicitar a possibilidade de devolutiva das interpretações, reforçando a coautoria e o respeito à integralidade do participante.

Contudo, a pesquisa foi conduzida a partir da análise articulada do referencial teórico e documental, inserida no campo da investigação (auto)biográfica, com ênfase na elaboração e utilização metodológica das entrevistas narrativas como dispositivo central.

Esse percurso metodológico foi desenvolvido de maneira a integrar, de forma sistemática, as reflexões sobre os pressupostos éticos, fundamentadas tanto em contribuições de diferentes autores da área quanto em documentos oficiais, como normas de pesquisa envolvendo seres humanos e orientações sobre sigilo, consentimento e proteção da integridade dos participantes. Dessa forma, a pesquisa não se limitou à aplicação mecânica do dispositivo narrativo, mas buscou articular rigor metodológico e sensibilidade ética, garantindo que os relatos fossem tratados como expressões autênticas das trajetórias de vida dos participantes e como elementos centrais na construção de sentido sobre a formação docente.

REFERENCIAL TEÓRICO

A ética em pesquisa, sobretudo com seres humanos, pressupõe o respeito com os participantes, de modo a não atingir de forma que abale nenhum direito humano, entendendo cada participante como um ser singular, datado de experiências e vivências únicas que dão a



ele a sua individualidade. A ética necessita estar amparada em quaisquer pesquisas realizadas, sobretudo as que envolvem seres humanos, em qualquer idade.

A abordagem ética nas pesquisas educacionais – como a presente, que envolve professores – pressupõe compreender que “fazemos pesquisa em educação para conhecer o mundo e, sobretudo, para transformá-lo” (Kramer, 2019, p. 242). Além disso, outros cuidados devem ser tomados, como no caso de temas mais sensíveis, em que “quanto mais sensível o tema da entrevista, mais segura deve ser a ferramenta de comunicação e a privacidade do ambiente” (Fiocruz, 2020, p. 8). Todos esses cuidados são fundamentais para quaisquer pesquisas, do âmbito educacional ou não.

A preocupação ética nas pesquisas em educação – como a atual – utiliza os dispositivos das entrevistas como ferramenta, que “são amplamente utilizadas na pesquisa qualitativa e implicam a interação de forma sincrônica entre pesquisador e participante” (Fiocruz, 2020, p. 7). Segundo Abrahão (2003), a pesquisa autobiográfica pode utilizar diversas fontes que possibilitam trabalhar com este componente, como fotos, vídeos e documentos, além de elementos imateriais, como história oral e as narrativas.

Dentre as fontes que a pesquisa (auto)biográfica permite apropriar, as narrativas de vida apresentam uma grande potencialidade para compreender o proposto no atual projeto de pesquisa, de modo que as narrativas permitem, dependendo do modo como são relatadas, “universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes” (Abrahão, 2013, p. 81).

Nesse sentido, em pesquisas que envolvem seres humanos através de suas histórias e trajetórias de vida, a ética é um elo essencial durante toda a trajetória de pesquisa, visto que sem ela não há uma pesquisa capaz de respeitar os participantes e suas singularidades.

E, a partir disso, entende-se que “reconhecer o valor das vozes de pessoas de todas as idades, que ecoam em suas narrativas, entendendo-as como capazes de pronunciar e modificar o mundo, exige de quem as escuta ou as lê uma disposição ética, uma esperança no humano” (Passeggi, 2023, p. 201), ou seja, a leitura a partir do olhar ético.

E essa leitura pressupõe abordar quem participa da pesquisa de forma ética, optando por chamá-los de “participantes, colaboradores/as, professores/as, do que de “pesquisados” ou de “sujeitos da pesquisa”. Afinal, somos pessoas de carne e osso, coprodutoras de sentido, narradores/as da vida e da ciência” (Passeggi, 2023, p. 206).

A ética entrelaçada com a pesquisa educacional focada em ver o indivíduo enquanto produtor de conhecimento e de que forma o indivíduo responde o todo, como o plural está significado no singular pressupõe um cuidado com a forma de interpretação e análise do que



está sendo feito, visto que “as regras do jogo oferecem confiabilidade ao texto, mas não garantem leitura. E o que importa para os escritores não é texto produzido, mas palavra circulada, sentida na solidão de novo pensamento” (Diniz, 2015, p. 2). As narrativas de vida a partir das entrevistas – como no caso dessa pesquisa – em uma base ética bem consolidada promovem essa integração de saberes aliada ao respeito com o outro, que está disposto a se abrir para partilhar saberes, conhecimentos e vivências.

Além disso, realizar a devolutiva da pesquisa com os resultados obtidos é uma etapa fundamental da pesquisa – que não é finalizada com a defesa, mas sim com o retorno aos sujeitos da pesquisa – pois, ao compreender que é um dever do pesquisador, é o “foco do compromisso ético, com cuidado e assumindo posições” (Kramer, 2019, p. 243).

Entende-se que a questão ética, além de ser fundamental para qualquer pesquisa – sobretudo pesquisas em que envolvam seres humanos – é também uma questão de respeito ao outro, pois sem o outro não existe a pesquisa, e a abordagem do método (auto)biográfico possui como pressuposto a interação e a comunhão de saberes e experiências entre as pessoas, a fim de compreender o todo a partir do singular de cada indivíduo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dispositivos das narrativas de vida demonstram sua potencialidade ao revelar dimensões que muitas vezes permanecem ocultas em abordagens tradicionais de pesquisa. Por meio das narrativas (auto)biográficas, por exemplo, é possível constatar realidades e aspectos plurais da formação de professores a partir de experiências singulares, pois o singular está inserido e reflete o plural.

Ao integrar os pressupostos éticos aos dispositivos metodológicos, evidencia-se que a pesquisa com narrativas de vida não só amplia a compreensão dos processos formativos, mas também contribui para o aprimoramento das práticas educacionais e para a reflexão sobre políticas que valorizem o professor enquanto sujeito e produtor de conhecimento.

Nesse sentido, a ética atua como um fio condutor que perpassa todas as etapas do estudo, desde o delineamento dos objetivos até a devolutiva dos resultados aos participantes, reforçando o compromisso do pesquisador com a transformação social e com a promoção da justiça e da equidade nas relações institucionalizadas (Kramer, 2019; Passeggi, 2023).

Podemos afirmar que a ética se encontra diluída desde a concepção do trabalho, o referencial teórico escolhido, o contato com as pessoas as quais participarão da pesquisa em conjunto, além dos trâmites compreensivos/analíticos posteriores. Para além de alicerce formal



ou procedimento técnico, são modos de agir que necessitam paralelamente estar em vigor na consciência e sistematização dos diversos comportamentos na condução de pesquisas com e/ou formação de professores. Seu caráter indispensável manifesta a própria indissociabilidade pessoal-profissional que o Método (Auto)biográfico preconiza, porque ser docente, pesquisar e produzir conhecimento exigem o lastro de cuidado e respeito aos outros e a nós mesmos.

Nesta perspectiva, ao encontro da proposta do dispositivo das narrativas (auto)biográficas, considerando os pressupostos éticos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) se torna um documento fundamental conscientizando e estabelecendo os limites éticos da pesquisa na relação entre pesquisador e pesquisado.

Além disso, o TCLE assegura o direito ao anonimato e o cuidadoso planejamento do ambiente de entrevista, que deve promover uma relação horizontal e empática entre ambos. Nesse sentido, a pesquisa não se limita a uma coleta de dados unidirecional, mas se configura como um processo dialógico em que as experiências dos professores emergem como elementos fundamentais para a compreensão do seu processo formativo (Giordani, 2020).

A ética da equidade: refletir diferenças para igualar sujeitos

A ética, nesse contexto, dialoga de maneira intrínseca com o Método (Auto)biográfico. A postura de forma ética por parte do pesquisador deve ir além da formalidade documental e do cumprimento de trâmites burocráticos; ela implica a escuta sensível e o acolhimento dos relatos, possibilitando uma aproximação que valorize a pluralidade de perspectivas e o respeito às singularidades dos participantes.

A relação construída durante o processo de coleta dos dados – pautada na confiança e na horizontalidade –, conforme enfatiza Kramer (2019), fortalece a integridade dos relatos e assegura que os participantes se sintam confortáveis para compartilhar aspectos íntimos de sua trajetória. Essa conduta moral é especialmente importante quando se trabalha com temas relacionados à identidade e ao processo formativo, pois os relatos podem envolver questões pessoais, profissionais e emocionais que exigem uma abordagem humanizadora e cuidadosa.

O método (auto)biográfico possui algumas características que evidenciam sua proposta de mudança científica, dentre elas, movimentos de acolher e apropriar dimensões e aspectos de cunho pessoal dos sujeitos que investiga. Escapar da frieza preconizada pelos modos de produzir conhecimentos que se afirmam racionais e neutros, requer que estejamos disponíveis para além de aproximações, para permitir-se sentir e narrar vivências e experiências que nos atravessaram em formação (Dominicé, 2012).



De modo implicado, significa também uma apropriação do arcabouço emocional embutido tanto nos acontecimentos narrados, quanto na rememoração para a construção narrativa, articulando o conjunto de sentimentos que atravessam e envolvem a constituição identitária.

Refutar perspectivas técnicas de supervalorização da racionalidade intenta suprimir emoções. O método (auto)biográfico ao compreender que ser humano é ser integral, realiza seus movimentos de planejamento, construção e análise a partir de uma perspectiva de ser indissociável entre o pensar, o sentir e o sensível. Processo que estabelece em todas as etapas do método, um convite ao exercício de estarmos na pesquisa com tudo que somos, e por isto, quem convidamos aos movimentos da pesquisa nos acompanham, com tudo que são. À medida que a consciência destes aspectos nos coloca numa posição delicada, pois é um chamado ao cuidado e um despertar de atenção ao desenrolar ao longo de todo o processo.

O desafio inicial conjunto a quem conosco colabora são possíveis resistências na conquista da confiança necessária para narrar, mas transpostas tais barreiras, o engajamento intencional e profundo, e por tudo isto sem negligências aos campos das emoções e dos sentimentos, podem ser profundamente frutíferas e abrir portas inesperadas. As memórias alicerçam as narrativas, que por sua vez revelam no que é contato o sujeito em suas perspectivas de modo integral, emergindo aquilo que aconteceu, expectativas atendidas e frustradas, sonhos e desejos explícitos ou encobertos; aquilo que não esperávamos e/ou não sabíamos de nós mesmos. O nível de intimidade do encontro e o clímax emotivo podem aflorar graus inesperados de honestidade nos caminhos do nosso dizer e narrar. Processo alimentado pela presença de outrem que nos escuta.

Ter alguém a nos escutar com real interesse e atenção é tentador. Deixamos fluir com mais intensidade que o comum, o ouvido atento sinaliza o caráter social do encontro, de modo que a reciprocidade fornece o tônus da continuidade e aprofundamento. Talvez, seja ainda mais tentador desenvolver a continuidade da narrativa quando nos é incomum tal fenômeno. Quando é incomum sermos considerados alguém interessante a ser ouvido, com uma história significativa o suficiente para ser contada. É o caso de sujeitos pertencentes aos grupos oprimidos, a quem ao longo da vida foi ignorado ou interdito o ato de falar, num sentido que transcende a este sujeito, e compreende todo o agrupamento social que a pessoa pertence, e a negligência histórica que se firmou como regra para tal agrupamento.

A sociedade se encontra estruturada e cindida entre pessoas/grupos que merecem atenção e outras sem possibilidades narrativas, que seu destino é o esquecimento. Quando se pertence a estes grupos, talvez a tônica primeira sejam desconfiança e distanciamento, pois é



inquietante pensar quais motivos levariam alguém ao repentino interesse ao que podemos dizer. Quando este não é o caso, ou aspectos primários de sobrevivência são superados, nos revelamos.

À margem e com suas histórias apagadas tais pessoas/grupos podem, quando (re)colocadas numa posição narrativa de sujeito a ser ouvida/o, apresentar intuítos e impulsos de falar de maneira ainda mais magnética. Falar com interesse em revelar, narrando com profundidade. Eis que no momento da entrevista, ao sentir-se escutada/ouvido a quem poucas vezes ou nunca assim se sentiu ao longo da vida, poderá resultar em entregas que ultrapassam os próprios limites. Talvez descomunais ao controle de quem pesquisa. Uma zona de fronteira que revolve camadas a partir de uma carga emocional da ruptura com o silêncio.

Este ponto nos posiciona no campo da ética em pesquisa para refletirmos o acontecer da construção da narrativa articulado em seu retorno ao sujeito e posterior publicação. Se Delory-Momberger (2012) nos indica que a condução das entrevistas narrativas a partir do método (auto)biográfico se estabelece a partir de movimentos aos quais seguimos quem narra, acreditamos que as demais etapas será necessário tomarmos a dianteira e as devidas responsabilidades. A começar pelo fundamental retorno. Retorno transcrito. Uma (re)leitura que se estabelece ao sujeito que narra com mais tenacidade e calma, com emoções apaziguadas, numa lucidez que permite ao narrador ser lido, acolhido, interpretado e, quando necessário, interpelado por si mesma. Em atos perceptivos de que nem tudo que foi posto à mesa nos momentos iniciais, precisam compor a entrega do ato divulgador.

Observemos que os dispositivos metodológicos, em especial a entrevista narrativa, demarcam o encontro de sujeitos que (se) pesquisam num processo de construção narrativa fortemente alicerçado no cuidado. A transcrição seguida da devolutiva deve fazer parte dos acordos. São aspectos que alinham e preparam a divulgação/publicização dos frutos deste encontro, de modo que estes retornos necessitam ser interpretados enquanto continuidade do pacto de confiança estabelecido no primeiro contato.

O retorno é o demarcador dos (re)encontros, agora arrefecido de emoções, mas nem por isto menos importante. Fornecem os encaminhamentos para que este encontro entre dois, três ou poucas pessoas, agora encontre as demais pessoas que irão nos ler pelo mundo. A orientação ética de todas as etapas é o lastro humano que deverá conduzir cientificamente o encontro entre as pessoas que produzem conhecimento. São *modus operandi* de nos preservarmos, ao mesmo tempo que preservamos a quem a nós confiou sua narrativa.

A presente proposta, em momento algum afirma a necessidade de estabelecermos pressupostos distintos a quem pertence ou não a grupos historicamente silenciados. O debate



deseja fomentar reflexões e sensibilidade em sujeitos que ouvem, coletam, transcrevem e constroem pesquisas, e por tudo isso, publicam, com narrativas que se originam de todos os grupos. É uma chamada, proposição e exigência da construção de uma ética de responsabilidade.

É este sujeito que necessita estar treinado para lidar com diferenças potencialmente gritantes entre o tamanho da entrega entre quem possui o costume de falar, e a quem se considera um sujeito que nem sequer é digno de ser ouvido. Mas quem narra precisa contar com a sensibilidade de quem escuta, porque formar-se pesquisador/pesquisadora a partir do método (auto)biográfico é sobretudo uma formação da sua humanidade, porque para pesquisar gente com profundidade e respeito, é preciso sobretudo, gostar de gente.

A pesquisa com narrativas de vida aliada à perspectiva ética é uma força potente para o aprimoramento da educação como um todo. Propor essa conjunção é essencial para o desenvolvimento humano e educacional, pois como nos aponta Débora Diniz (2015, p. 03), “somos fazedores de ciência, produtores de conhecimento sobre a vida humana”. São estas articulações frutíferas que nos tornam capazes de afirmar juntamente a Passeggi (2023, p. 207) que a “pesquisa com narrativas de vida bem poderia ser denominada pesquisa educativa por sua preocupação com a plenitude da vida e por sua razão humanizadora”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração dos pressupostos éticos no desenvolvimento do Método (Auto)biográfico revela a importância de se considerar os participantes como sujeitos ativos em seu processo formativo e na pesquisa (auto)biográfica. Ao reconhecer as narrativas de vida como veículos de experiência e significado, o pesquisador é convidado a promover uma escuta ativa e a estabelecer uma relação de respeito mútuo, que valoriza tanto a singularidade dos depoimentos quanto o potencial transformador do diálogo.

Por meio dessa abordagem, evidencia-se que as narrativas (auto)biográficas potencializam a compreensão que a formação docente é um processo dinâmico e contínuo, que se desenvolve em diferentes momentos na trajetória de vida dos professores, na tecitura entre relações e espaços, e principalmente na reflexão dessas experiências.

Dessa forma, fica evidente que os dispositivos éticos e metodológicos empregados no Método (Auto)biográfico são fundamentais para garantir não só a legitimidade dos dados coletados, mas também para consolidar uma postura investigativa baseada na empatia, na horizontalidade e no compromisso com a transformação social.



Ao tecer os pressupostos éticos ao longo de toda a pesquisa, o pesquisador fortalece a integridade das informações, promove a valorização dos sujeitos e, sobretudo, contribui para a construção de saberes que dialoguem com a complexidade e a riqueza das experiências humanas.

REFERÊNCIAS

Abrahão, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre **normas de pesquisa envolvendo seres humanos**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view> Acesso em: 11 de setembro de 2025.

DINIZ, Debora. Prefácio. In: Basto, Leila Marrach; Puttini, Rodolfo Franco. **Questões sobre a ética e a inocência do método**. São Paulo: Annablume, 2015.

Fiocruz. **Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais**. Comitê de Ética em Pesquisa. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz). Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2020, 12 p.

GIORDANI, A. C. Reverberações das fronteiras entre Geografia e Educação. In: LIMONAD, E; BARBOSA, J. L. (Orgs.). **Geografias, Reflexões, Leituras e Estudos**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2020, p. 264-280.

KRAMER, S. De/As acertos, silêncios e conflitos éticos: o que você faz com os resultados da sua pesquisa? In: KRAMER, S.; PENA, A.; TOLEDO, M. L. P. B.; BARBOSA, S. N. Falcão (Orgs.). **Ética: Pesquisa e Prática com Crianças na Educação Infantil**. Campinas: Papirus, 2019, p. 235-254.

MENEZES, V. S. “Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos...” professores?: das narrativas (auto)biográficas docentes à ressignificação de (Geo)grafias. **Tese. (Doutorado em Geografia)**. Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

NÓVOA, António. **Profissão professor**: imitação e inovação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PASSEGGI, M. da C.; ABRAHÃO, M. H. M. B.; DELORY-MOMBERGER, C.. Reabrir o passado, inventar o devir: a inenarrável condição biográfica do ser. **In**: PASSEGGI, M. da C.; ABRAHÃO, M. H. M. (Orgs.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo II. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 29-57.

PASSEGGI, M. da C. A ética na pesquisa com narrativas de vida em educação. In: ANPED. **Ética e Pesquisa em Educação**: Subsídios. Rio de Janeiro: ANPED, 2023, p. 199-211.



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, EDUFRN; São Paulo, Paulus. 2010. p. 96-118.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. 3. vols. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.